

A Experiência do PIBID/História na E.M.E.F. prof^a Maria Nadir Filgueira Valente¹

Élita Paloma Américo Magalhães,² UFPA

Resumo

Este artigo tem por objetivo relatar a respeito das experiências didático-pedagógicas do PIBID/História na turma de 6º ano “B”, da E.M.E.F. Prof^a Maria Nadir Filgueira Valente, situada na cidade de Cametá/PA. Precisamente, apresentam-se aqui, as ações desenvolvidas com o Conteúdo Curricular “Introdução ao estudo de História” e “A vida humana no Paleolítico e Neolítico”, com ênfase ao uso diferenciado da utilização do seminário, enquanto estratégia metodológica. Busca-se, com isso, contribuir para o debate pedagógico e epistemológico que possibilite pensar novas formas de interação e de ensino-aprendizagem, capazes de fomentar a curiosidade, o interesse e a criticidade do aluno.

Palavras-chave: Ensino de História; Sala de Aula; Metodologia de Ensino.

Abstract

This article aims to report on the didactic-pedagogical experiences of PIBID/História that took place in the 6th grade class “B”, from E.M.E.F. Prof^a Maria Nadir Filgueira Valente, located in the city of Cametá/PA. Precisely, it presents here the actions developed with the Curricular Content “Introduction to the study of History” and “Human life in the Paleolithic and Neolithic”, with emphasis on the differentiated use of the usage of the seminar as a methodological strategy. This article seeks to contribute to the pedagogical and epistemological debate that makes it possible to think of new forms of interaction and of teaching-learning capable of fostering the student's curiosity, interest and criticality.

Keywords: History teaching; Classroom; Teaching Methodology.

Introdução

O PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) tem proporcionado desde sua implantação, em 2007,³ a capacitação técnica, teórica e metodológica de inúmeros graduandos de cursos de licenciatura. Por meio dele, dentre outros afins, há oportunidade de aplicar, validar e inter-relacionar os saberes obtidos e produzidos no espaço universitário com as inúmeras “realidades”, que se apresentam nas salas de aula de escolas municipais e estaduais públicas do Brasil, antes da etapa do Estágio Curricular Obrigatório, o que, de forma indiscutível, tem contribuído para a formação acadêmica, de

¹ Este artigo é produto da participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de História, da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/Cametá, sob a coordenação do prof. Dr. José do Espírito Santo Dias Júnior e supervisão da prof.^a Raimunda do Socorro Pinto dos Santos.

² Graduação em História pela Universidade do Pará, Campus Universitário do Tocantins/Cametá. E-mail: <americoelita@gmail.com>.

³ O PIBID surgiu por iniciativa do governo federal em parceria com a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) com vista a melhorar a formação docente para a Educação Básica Brasileira. Sobre mais detalhes, Ver: (ANDRÉ; FERRAGUT; GATTI; GIMENES, 2014).

modo que ela seja ainda mais sólida e engajada à um ensino de qualidade, plural e democrático.

Na Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Cametá, o Subprojeto de Licenciatura Plena em História, sob uma nova coordenação de área, teve início no mês de março de 2018, a partir de seleção prévia de discentes ao quadro de bolsistas,⁴ uma vez que, no programa ainda existe restrição de acesso, devido, entre outras questões, a verba orçamentária que é destinada a ele.

Atualmente, o PIBID/História possui 3 professores supervisores e 30 bolsistas de iniciação à docência distribuídos em três escolas públicas da cidade de Cametá (PA) - a escola básica municipal Professora Maria Nadir Filgueira Valente, situada na Travessa D. Pedro I, no bairro da matinha - a escola estadual General Osório, na Avenida Gentil Bittencourt, centro - e a escola de nível médio Júlia Passarinho, localizada na Avenida Cônego Siqueira.

Nessas instituições públicas de ensino, estão sendo desenvolvidas intervenções em sala de aula, oficinas nos contra-turnos e eventos pedagógicos e culturais com alunos do Ensino Médio e dos anos finais do Ensino Fundamental, juntamente com outros subprojetos de cursos de licenciatura.

Neste artigo, objetiva-se publicizar, especificamente, acerca das experiências didático-pedagógicas que se teve na turma de 6º ano “B”, da E.M.E.F. Professora Maria Nadir Filgueira Valente, durante o primeiro semestre (mar-jun) de 2019.⁵ Busca-se, com isso, contribuir para o debate pedagógico e epistemológico que possibilite pensar novas formas de interação e de ensino-aprendizagem capazes de fomentar a curiosidade, o interesse e a criticidade do aluno.

Inicialmente, faz-se uma contextualização e apresenta-se o espaço físico-estrutural da E.M.E.F. Professora Maria Nadir Filgueira Valente e, por conseguinte, relatam-se as ações desenvolvidas com o Conteúdo Curricular “Introdução ao estudo de História” e “A vida humana no Paleolítico e Neolítico”, com a utilização diferenciada do seminário, enquanto estratégia metodológica para compreensão e problematização deste último.

⁴ Os passos seguintes adotados, nessa nova fase do PIBID/História/Cametá, ocorreu no segundo semestre de 2018, período em que aconteceram as observações in loco, (momento em que adentrou-se no ambiente escolar propriamente dito, afim de conhecer a lógica política-administrativa e pedagógica das instituições públicas de Ensino Fundamental e Médio, da sala de aula e as relações entre o professor e o aluno, o professor e a turma, o professor e a disciplina escolar “História”, e a relação que o professor e o aluno tinham com o livro didático) e se iniciou as formações quinzenais para discussão de textos teóricos, afim de instrumentalizar os acadêmicos/bolsistas no exercício de problematizar a realidade escolar e produzir práticas metodológicas capazes de fomentar a consciência histórica crítica do alunado. Quanto as intervenções em sala de aula, essas ocorreram de março a dezembro de 2019.

⁵ A Turma era composta de 36 alunos, numa faixa etária entre 10 e 11 anos.

O Espaço de Experiências

A E.M.E.F. Professora Maria Nadir Filgueira Valente, juridicamente, foi criada pela Lei nº 7, de 27 de março de 2006, e inaugurada em 19 de agosto. Sua implementação remonta a trajetória da E.M.E.F. Paulo Nogueira, no bairro da Matinha, cidade de Cametá (PA). Em meados de 1994, essa escola inicia suas atividades, na modalidade multissérie, contudo, sem ainda possuir um espaço físico adequado, funcionava na residência de Otacílio Costa Furtado, situada na Trav. Paulo Nogueira, nº 286, Matinha.

Em virtude do aumento da demanda de alunos, em 1997, a escola é transferida para uma segunda residência, a do senhor Manoel Viana Wanzeler, localizada na Trav. D. Pedro I. E é partir deste momento, que é dado início o processo de regularização do ensino ofertado pela instituição.

De acordo com o Projeto político-pedagógico (PPP) da E.M.E.F. Professora Maria Nadir Filgueira Valente, em 2001, a escola Paulo Nogueira, tornou-se anexo da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/Cametá, que passou a ceder, “dentro de uma parceria verbal” (PPP, 2016, p. 10) 5 (cinco) salas de aula em período diurno, horário não utilizado pela Universidade. A justificativa para tal feito, deu-se em razão do crescimento desordenado do bairro com o conseqüente aumento da demanda por matrícula, acima de sua capacidade estrutural.

Atualmente, a escola atende a 595 alunos distribuídos entre os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, nos turnos da manhã e tarde.⁶ Quanto a sua estrutura física, possui: 8 (oito) salas de aulas de ensino regular, 1 (uma) sala destinada à diretoria, outra à secretaria, 1 (uma) sala de arquivos e de professores, sala de recursos audiovisuais, 1 (um) laboratório de informática e 1 (um) de ciências, 1 (uma) sala de leitura, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE) e, algumas dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, 1 (uma) copa/cozinha, 1 (um) depósito para merenda, um refeitório, 4 (quatro) banheiros para funcionários, 2 (dois) banheiros coletivos (feminino e masculino) para alunos, 1 (uma) quadra esportiva (descoberta), 1 (uma) cantina, 1 (um) jardim e 1 (um) bicicletário.

Para atender ao público de alunos, a escola conta, hoje, com um total de 63 (sessenta e três) funcionários atuando em dois turnos (manhã e tarde). Essa é uma das escolas municipais da cidade de Cametá/PA, que oferece formação de nível Fundamental à crianças e adolescentes na faixa etária frequente de 6 (seis) a 15 (quinze) anos de idade, residentes nas

⁶ Informações coletadas do site: <<https://www.qedu.org.br/escola/14771-emef-professora-maria-filgueira-valente/sobre>>. Acesso em: 19 de agosto de 2019.

proximidades da escola e “um número expressivo de crianças e adolescentes que residem em outros bairros mais distantes por ter preferência em desejar estudar nesta Escola” (PPP, 2016, p. 12).

Os primeiros passos na compreensão do estudo da História

As primeiras intervenções na turma de 6º ano “B”, da E.M.E.F. Profª Maria Nadir Filgueira Valente, ocorreram com o objetivo de introduzir o alunado à Ciência Histórica, tendo em vista as prescrições do Currículo Escolar Nacional que a torna a partir dessa série/ano de ensino institucional, uma disciplina específica. Para isso, preocupou-se, inicialmente, em conceituar “o que é a História”, sendo pois a conceituação adotada, a de que é a ciência que “busca compreender as diversas maneiras como homens e mulheres viveram e pensaram suas vidas e de suas sociedades, através do tempo e espaço” (FONSECA, 2013, p. 40), apartando-a assim, de conceituações equivocadas e reducionistas que ainda são pensadas e reproduzidas na sociedade,⁷ para que pudessem, dessa forma, perceber que essas descaracterizam o saber histórico, e entender a importância de tê-la em sua grade curricular de estudos.

Por conseguinte, buscou-se contextualizar com os alunos como se dá o processo de produção do conhecimento histórico: quem escreve a História? com que materiais é escrita? e como é escrita? logo, foi proposto a discussão acerca do ofício do historiador e das fontes históricas.

A respeito dessas últimas, pretendeu-se tornar a definição menos abstraída possível, assim para além das imagens contidas no livro didático⁸ - que em sua totalidade constituíam-se de objetos que referenciavam a um passado distante, e que não fazia referência à História do Tempo Presente⁹ e a História Oral,¹⁰ e mais necessariamente, a concepção de que a História não está somente ligada e voltada a temporalidades com recuo longínquo da qual os alunos vivem - apresentou-se para o alunado, elementos mais contemporâneos e que estavam

⁷ Uma ideia errônea quando se pensa o Ensino de História e ainda bastante reproduzida nos meios escolares e não-escolares é que a História estuda apenas o passado humano, cuja a preocupação é memorizar fatos e datas, vide “importantes”.

⁸ É importante frisar que o livro didático é um material imposto pela coordenação escolar, de uso obrigatório em sala de aula. O livro didático adotado pela escola foi o do Projeto Araribá, organizado pela Editora Moderna, em sua 4ª edição, do ano de 2014.

⁹ A História do Tempo Presente é um campo historiográfico em que se produzem análises de eventos, fenômenos, acontecimentos, que normalmente é posterior a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Para saber mais, conferir: (FERREIRA; DELGADO, 2013).

¹⁰ “A História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes [...] surgida [...] no século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente” (ALBERTI, 2016, p. 155).

próximos a eles, como, por exemplo, a caneta esferográfica da qual faziam uso para escrever, os seus cadernos de anotações, o uniforme escolar que usavam, dentre outros, que podem, potencialmente, tornarem-se fontes para o estudo da História, tendo em vista que a História faz-se “com tudo o que, sendo próprio do homem, dele depende, lhe serve, o exprime, torna significativa a sua presença, atividade, gostos e maneiras de ser” (FEBVRE apud LE GOFF, 2003, p. 107). Movimento que, de certo, contribuiu para que os alunos se percebessem como sujeitos históricos.

Outra noção imprescindível que foi trazida para dentro da sala de aula do 6º ano “B”, da E.M.E.F. Profª Maria Nadir Filgueira Valente, acerca da História, enquanto ciência, foi a de tempo. Procurou-se refletir com os alunos para além do tempo dos relógios e dos calendários,¹¹ o tempo das sociedades humanas, tempo esse que não pode ser uniformemente medido. Para isso, recorreu-se ao uso didático de alguns exemplos, a citar, as atividades que uma sociedade indígena desenvolve ao longo das quatro estações (verão, outono, primavera e inverno), para que compreendessem que não existe a ideia de um tempo comum para todos os povos e sociedades, que avança em linha reta em direção a um futuro uniforme, ou seja, que as sociedades estariam em escalas evolutivas distintas, mas que todas caminhariam para o mesmo ápice evolutivo, o que contribui para desconstruir a ideia errônea de que existe superioridade, quer seja de um povo, de uma sociedade sobre outra.

O Universo do aluno e o Conteúdo Curricular

Partindo da observação de Callai (2001, p. 136-138), que o conteúdo deve estar sempre interligado com a realidade do aluno, de forma que ele possa construir sua cidadania e criticidade, tentou-se ao máximo articular, dentro de sala de aula, elementos da realidade pessoal e local que circunscrevesse o alunado, ao tratar do objeto de conhecimento *As origens da humanidade, seus deslocamentos e os processos de sedentarização*.

Não obstante, os objetivos com esse conteúdo foram: Conhecer e discutir as teorias e hipóteses científicas existentes sobre o surgimento da espécie humana; Perceber e problematizar as mudanças que o ser humano passou durante os períodos históricos, notadamente, chamados de paleolítico e neolítico, enquanto produto de um processo evolutivo

¹¹ Basicamente, nesse momento da aula, consistiu em apresentar aos alunos, os diversos instrumentos já inventados pelo ser humano para medir o tempo, como por exemplo, o primeiro relógio que se teve, cuja a marcação das horas era dada pelos raios do sol, a ampulheta, os relógios de bolso, até os mais modernos, como os eletrônicos, bem como, os alunos puderam conhecer um pouco da constituição de 3 calendários existentes na atualidade, o Cristão, Judaico e o Mulçumano.

e, ademais, compreender, refletir e relacionar as modificações que o ser humano passou durante esses períodos com a produção sociocultural humana dos dias atuais.

As ações, nesse sentido, ocorreram, de início, com a discussão das teorias e hipóteses existentes sobre o surgimento da espécie humana, um assunto riquíssimo para debater em sala de aula. Inicialmente, realizaram-se as seguintes perguntas para os alunos: Vocês já se perguntaram de onde viemos? Como surgimos? Quais as explicações vocês conhecem sobre o assunto? As respostas obtidas foram bastantes previsíveis. Os alunos, quase de forma unânime (pois houve aqueles que não quiseram se pronunciar), responderam que “Deus” os havia criado.¹² E utilizando-se de suas respostas, leu-se com a turma, uma passagem bíblica que estava presente no livro didático, o qual descrevia como que esse “Deus” havia criado o ser humano. O movimento seguinte consistiu em analisar o que acabará de ser lido.

A fim de manter a atenção e, fazer com que os alunos se interessassem pelo assunto, um dos recursos de mídia utilizado em sala consistiu no slide. Este que foi usado, principalmente para apresentar imagens, fotografias e ilustrações referentes à temática. Afirma Gejão (2008, p. 1):

Para ensinar com a ajuda de imagens o professor deve ter em mente que a fotografia funciona como um mediador cultural, ou seja, atua na interação entre conhecimentos prévios e novos conhecimentos. Esta interação ocorre de forma dialógica, onde está presente a ideia de múltiplas vozes, o contato com várias linguagens para se construir um novo conhecimento.

Neste sentido, a primeira imagem¹³ trazida à turma consistiu em um painel de rostos humanos de inúmeras nacionalidades, cor e religião (chinês, americano, negro, islâmico, indiano, indígenas, etc.). A ideia, ao apresentá-la aos alunos, era para que eles, além de atentassem para a diversidade cultural e social humana existente no planeta, que muitos dos representados ali não compartilhavam daquela tese bíblica, a qual foi feita a leitura em sala e que, grosso modo, os alunos não souberam questioná-la, uma vez que o tempo das sociedades humanas não é um tempo comum, ou seja, que algumas sociedades ali apresentadas não compartilhavam dos mesmos signos, principalmente, no âmbito de suas crenças. E, assim, pudessem entender que as teorias, trazidas pelas teses religiosas é produto das experiências humanas que são forjadas no seio de cada sociedade, ou seja, o que é considerado como

¹² Essa atividade foi necessária, uma vez que é importante conhecer o aluno, “suas descobertas, hipóteses, crenças, opiniões, desenvolvendo diálogo, criando situações onde o aluno possa expor aquilo que sabe” (PISONI, COELHO, 2012, p. 150).

¹³ Vide em: <http://www.bbc.com/news/technology-19923200?hcb=1>.

“verdade” e “correto” para algumas, não é as vezes o certo para outras, em virtude das diferentes experiências que cada uma teve durante a constituição de suas civilizações.

A imagem seguinte¹⁴ tratava-se de uma uma montagem da célebre pintura *A Criação de Adão*, de Michelangelo, com a representação gráfica da evolução da espécie humana. Essa foi trazida para discutir as teorias explicativas (Criacionismo, Evolucionismo e Design Inteligente) e, por conseguinte, outras imagens também foram incluídas, sendo usadas para ilustrar, referenciar, analisar, discutir e refletir acerca da vida humana nos primeiros períodos históricos (Paleolítico e Neolítico).

Ademais, no que tange ao do modo de vida humana nos primórdios históricos, fez-se uso de dois curtas-metragens, cada um com duração de no máximo 4 minutos, ambos oriundos do universo infanto-juvenil. O primeiro tratava-se do desenho infantil *Os Flintstones*,¹⁵ e o segundo foi o trailer do filme animado *Os Croods*.¹⁶ A utilização dos vídeos tendenciou despertar o interesse introdutório do aluno para a temática que seria tratada em sala,¹⁷ ao passo que fazia com os alunos percebessem que essa não era um assunto alheio e estranho a eles. Por conseguinte, seguiram-se as discussões em torno do assunto propriamente dito, sendo mediado pelas observações e articulações com as cenas observadas nos vídeos.

O Seminário: uma proposta metodológica

Uma das dificuldades que os alunos da rede pública de ensino da cidade de Cameté (PA) apresentam, e quiçá, em muitas outras redes de ensino do Brasil, é em relação a exposição oral dos conteúdos curriculares e demais assuntos que são pertinentes à formação das suas identidades individuais e coletivas que ocorrem, seja na forma de debates em sala de aula, seja na apresentação dos trabalhos escolares.¹⁸ E, tendo como foco propor alternativas a esse problema, uma vez que se percebe que ele contribui para o baixo rendimento escolar e cognitivo, além de comprometer o desenvolvimento social, sendo pois, um dos sintomas clássicos, a timidez, realizou-se, mediante planejamento, organização e sistematização junto à professora supervisora do PIBID/História, a proposta metodológica de utilizar com os alunos

¹⁴ Vide em: <http://sinmedrn.org.br/artigos/a-origem-do-homem-artigo-de-geraldo-ferreira-publicado-no-novo-jornal/?hcb=1>

¹⁵ *Os Flintstones* (em inglês: *The Flintstones*) é uma série de televisão animada que estreou em 30 de setembro de 1960, criada por William Hanna e Joseph Barbera. O desenho retrata o cotidiano de uma família de classe média da Idade da Pedra.

¹⁶ *Os Croods* é uma animação da DreamWorks lançada em março de 2013. Conta a história de uma família pré-histórica que a abandona a segurança da sua caverna para explorar o mundo.

¹⁷ Os vídeos foram exibidos após ser discutido com os alunos as teorias explicativas do surgimento da espécie humana.

¹⁸ Essas dificuldades foram percebidas durante o período de observação in loco nas escolas Julia Passarinho e Nadir Filgueira Valente.

do 6º ano “B” da Nadir Valente o seminário, tendo em vista as suas potencialidades, entre as quais se destacam: o aprimoramento intelectual, pronúncia, exposição de ideias, argumentação e socialização.

De acordo com Dolz et al. (2011, p. 185), o seminário “é um discurso que se realiza numa situação de comunicação específica que poderíamos chamar de bipolar, reunindo o orador ou expositor e seu auditório”. Esse orador ou expositor, no caso do ambiente escolar, é um aluno ou grupo de alunos, que discorre sob um determinado tema, sendo os interlocutores também alunos, mas que assumem o papel de auditório. “Esse(s) aluno(s), em alguns momentos, assume(m) o papel de professor, seja quando da apresentação, seja quando da avaliação da apresentação dos colegas” (PEROBELLI, 2018, p. 8).

Tendo em vista que a utilização do seminário enquanto proposta metodológica é muitas vezes realizada de forma equivocada, conforme já observado por Lopes (2010) e Freitas (2016). E sob qual, Dolz et al. (2011, p. 184) afirma da seguinte forma:

a exposição [o seminário] vem de uma longa tradição e é constantemente praticada, muitíssimas vezes, isso se dá sem que um verdadeiro trabalho didático tenha sido efetuado, sem que a construção da linguagem expositiva seja objeto de atividade em sala de aula, sem que estratégias concretas de intervenção e procedimentos explícitos de avaliação sejam adotados.

Assim, levando em consideração o pressuposto acima, foi feito primeiramente um levantamento das bases avaliativas, ou seja, o que seria objeto de avaliação nas exposições dos alunos. Por conseguinte, realizou-se um breve discurso com a turma para explicar a eles do que se tratava um seminário: O que é? Como funciona? Qual é a sua importância?, já que até o presente momento, eles nunca haviam feito um.

Por fim, houve a distribuição de um pequeno roteiro aos alunos, contendo algumas instruções e orientações, como, a citar, para a pesquisa do tema, para a organização da apresentação, para a postura e gestos em público adequados, entre outros aspectos.

Feito isso, partiu-se para a divisão dos grupos¹⁹ e a distribuição das temáticas. Sobre estas optou-se pelo conteúdo curricular *A vida humana no Paleolítico e Neolítico*, vulgarmente conhecido no meio escolar pela expressão *Pré-história*. Esse conteúdo foi

¹⁹ Esta (divisão) ocorreu sem critério pedagógico, apenas seguindo a sequência da lista de chamada, o que depois percebeu-se que consistiu em um equívoco, uma vez que, dentre outros, o critério da lista de chamada era recorrentemente usado, ou seja, os alunos sempre acabavam realizando as atividades escolares com os mesmos colegas, não permitindo assim que eles pudessem ter novas socializações e construir, por conseguinte, novas amizades.

discutido em três aulas dialogadas²⁰ anteriores às orientações, elaboração e planejamento dos seminários. No decorrer de quatro aulas seguintes, foram feitas as apresentações de seminário, e que eram compostas de três a quatro alunos.

Os resultados da ação pedagógica da utilização do seminário em sala de aula foram bastante satisfatórios. Percebeu-se maiores expressões de coletividade, cooperação e solidariedade entre os alunos, principalmente entre aqueles mais introspectivos e calados. Livremente, os alunos souberam trazer em seus cartazes os temas referentes à *Pré-História* que mais lhes despertaram curiosidade e interesse, nos quais houve destaque para o modo de vida do ser humano nos períodos históricos paleolítico e neolítico, o surgimento do comércio e apontamentos acerca das pinturas rupestres, além de trazerem informações adicionais que não tinham sido discutidas em sala de aula, como foi sugerido no roteiro, apresentando-as aos colegas.

Ademais, a maioria dos alunos fizeram uso de imagens que representa e ajuda ao público a se localizar e entender seus subtemas, apesar de que não souberam, o que faz parte do processo, ser possível ocorrer, intercalar suas falas com as mesmas.

Além do mais, a presente experiência metodológica permitiu que se concluísse o quão importante são seminários feitos de forma a exercitar a autonomia do educando, dando-lhe liberdade tanto de escolher subtemas e assuntos - dentro de uma temática maior delineada pelo professor (a), que mais lhes despertam a curiosidade e o interesse, pois raras são as vezes em que isso ocorre no ensino básico público - quanto permitir que eles próprios (os alunos) construam, organizem e sistematizem o conhecimento histórico. Sendo, pois, as contribuições ao ensino-aprendizagem, dentre outras, é o de instrumentalizar o professor (a) a perceber qual é a identidade de uma turma e, mais especificamente, quais são as lacunas que esse (a) precisa preencher, no que diz respeito a conteúdos curriculares e não-curriculares, propiciando orientação à prática pedagógica.

Considerações Finais

O PIBID/História se mostrou uma oportunidade importante para a formação docente, possibilitando maior compreensão acerca da realidade escolar e das exigências que são postas pela função educativa. Para além disso, a participação no subprojeto proporcionou que se

²⁰ O oposto desse tipo de aula é a “aula expositiva”. De acordo com Nunes (2012) a aula expositiva constitui-se como um tipo de estratégia de ensino, e que “caracteriza-se pela exposição oral/escrita do conteúdo pelo professor, sem levar em conta conhecimento prévio dos alunos, e espaço para questionamentos”. Nesta estratégia, o foco é exclusivamente o professor, e o aluno é visto como agente passivo, que recebe as informações pelo docente. E que foi denominada pelo educador brasileiro Paulo Freire de “Educação Bancária”, devido alienar e excluir o aluno do processo de construção do conhecimento.

pudesse (re)pensar propostas educativas de maneira planejada, pois, ao invés de uma inserção direta e compulsória, como costuma ocorrer durante os estágios obrigatórios, foi feita uma inserção gradual e autônoma, com acesso a suportes e bases técnicas e teóricas.

No que se refere aos impactos das atividades propostas na turma de 6º ano “B”, da E.M.E.F. Professora Maria Nadir Filgueira Valente, tanto para a formação docente, quanto para a educação pública em geral, e em particular, na de Cameté/PA, destacam-se: A contribuição para a diminuição das distâncias entre conhecimento teórico e conhecimento prático, uma vez que se articularam as formações teóricas proporcionadas pelo programa e saberes oriundos das aulas de graduação em História com a realidade escolar da sala de aula; a valorização das práticas docentes, como sendo esse um dos passos imprescindíveis a uma sociedade capaz de se fazer verdadeiramente democrática; a aproximação entre a Universidade e a Comunidade Cametaense; a oportunidade para formação continuada da professora supervisora responsável pela E.M.E.F. Professora Maria Nadir Filgueira Valente; o aumento do interesse acadêmico por pesquisas cujas temáticas reportam à prática professoral em história; a percepção e o conhecimento sobre as realidades das comunidades escolares locais; a oportunidade de vivenciar estratégias de transposição do conhecimento acadêmico para os espaços escolares de formação básica, a contribuição para a superação da Educação Bancária e da História factual, positivista e linear que cessa a uma sociedade crítica.

Fontes

PROJETO ARARIBÁ HISTÓRIA. In: Editora Moderna (org). Editora responsável Maria Raquel Apolinário. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2014.

Referências

ALBERTI, Verena. Fontes Oraís: História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanri (Org). **Fontes Históricas**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 155-202.

ANDRÉ, Marli E. D. A; FERRAGUT, Laurizete; GATTI, Bernardete A; GIMENES, Nelson A. S. **Um estudo avaliativo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid)**. – São Paulo: FCC/SEP, 2014. Disponível em: <www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/24112014-pibid-arquivoAnexado.pdf>. Acesso em: 19 agost. 2019.

FCALLAI, Helena Copetti. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? **Revista Terra Livre**. São Paulo. n. 16. jan/jul. 2001 p. 133-152. Disponível em: <http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/353>. Acesso em: 19 agosto. 2019.

COELHO, Luana; PISONI, Silene. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. **Revista e-Ped-FaCOS/CNEC Osório**. v. 2, ago. 2012. p. 144-152. Disponível em:

http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/vygotsky_-_sua_teor%C3%ADa_e_a_influ%C3%AAncia_na_educacao.pdf. Acesso em: 19 agost. 2019.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. Historia do tempo presente e ensino de Historia. **Revista História Hoje**, v.2, nº 4, 2013. Disponível em: <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/viewFile/90/70>. Acesso em: 19 agost. 2019.

DOLZ, Joaquim. A exposição oral. In: SCHNEUWLY, Bernand.; DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 183-211.

E.M.E.F. PROFESSORA MARIA NADIR FILGUEIRA VALENTE. Disponível em: <https://www.qedu.org.br/escola/14771-emef-professora-maria-nadir-filgueira-valente/sobre>. Acesso em: 17 ago. 2019.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**. São Paulo: Papirus, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

FREITAS, Patrícia Raquel de. **Produção oral no seminário: possíveis apropriações em uma prática de ensino**. 2016. 154 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/305691/1/Freitas_PatriciaRaquelde_M.pdf. Acesso em: 17 ago. 2019.

GEJÃO, Natália Germano. **Fotografia e ensino de História: Mediadores culturais na construção do conhecimento histórico**. In: VII Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas. Londrina, 2008. Disponível em: <https://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/NataliaGGejao.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2019.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LOPES, Quenízia Vieira. **O ensino do gênero exposição oral: um estudo de caso no 5º ano do ensino fundamental**. 2010. 112 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6491?locale=_BR. Acesso em: 15 jul. 2019.

NUNES, Teresa. **As diferenças entre aulas expositivas e aulas dialogadas**. Disponível em: <http://posgraduando.com/as-diferencas-entre-aulas-expositivas-e-aulas-dialogadas/>. Acesso em: 19 jul. 2018.

PEROBELLI, Mariza. A construção do objeto de ensino seminário sob o ponto de vista dos gestos didáticos. **Linguagem em Discurso – LemD**. Santa Catarina: Tubarão, v. 18, n. 3, set./dez. 2018. p. 565-581. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/7057/4112. Acesso em: 13 jul. 2019.

PPP. Projeto político-pedagógico da E.M.E.F. Profª. Maria Nadir Filgueira Valente. Cametá, 2016.